REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 809

20 DE JUNHO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

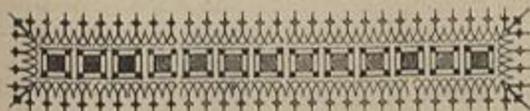
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

VISITA DE SUAS MAGESTADES AOS AÇORES

S. M. EL-REI D. CARLOS I

S. M. A RAINHA D. MARIA AMELIA

CHRONICA OCCIDENTAL

Já lá vão seis dias santos; ainda nos faltam mais quatro. Os empregados publicos e os estudantes apanharam um grande mez!

Que noites de algazarra na Praça da Figueira, no Rocio, no Largo de Camões, na Praça dos Restauradores!

Nem sempre em Lisboa são poeticas as decantadas vesperas dos grandes santos. Barulho nunca falta: bombas, cornetas, rouxinoes de barro. Os devotos de Terpsichore, para que se veja como avançamos em artes, lá teem os maravilhosos fados da chulipa, batido por graciosos machacazes entre enorme grupo de espectadores.

Mil boccas falando ao mesmo tempo formam como um trovão prolongado. No meio dos gritos, apitos e cornetadas, d'um ou outro sol-e-dó que passa, mal se distingue o vibrar das cordas; apenas o som monotono do baixo consegue dar a idéa d'um compasso.

Rarissimos bailes de ovarinas trouxeram á noite de Santo Antonio uma nota pittoresca e devéras atrahente. Ahi sim, vale a pena demorar-se a gente um instante. Lenços desatados voando, saias curtas, pernas á vela, chapéos para traz descobrindo a testa lisa, pequenina, que bastos cabellos negros emmolduram, tudo é nas varinas elegante, como os seus meneios

Mangericões perfumados e cravos de papel com quadras fantasticas são a rodo e dão alegria á praça.

Em meio d'estas festas de verão, que é o tempo bom do povo, deu-se, porém, ha dias, um caso de tragedia Uma desordem, em seu começo pouco importante, obrigou um policia desattendido e maltratado a fazer uso do revolver. E assim morreu o Fagulha n'um baile campestre, por ter bebido uma pinga a mais e querer divertir-se a entrar á força. Um final inesperado de tragedia ao cabo d'uma comedia de costumes.

Não houve desordens graves durante a noite de Santo Antonio, e, como muitos se divertiram, entre mais essa na conta das noites boas.

Fala-se muito agora na realisação de alguns concertos de banda marcial em qualquer das grandes praças de Lisboa. Indicado nos parece dever estar o Terreiro do Paço, com o que muito lucraria o commercio dos primeiros quarteirões da Baixa, tão desertos desde as oito horas.

O S. João vai outra vez pôr em movimento todos os que gostam da alegria bulhenta. Estoiram foguetes, repicam sinos. Por toda a parte ha arraiaes e toiradas.

E' no Alemtejo que o Santo é festejado com maior devoção. Quem nunca ouviu as lindas coplas que a S. João se cantam em Evora, em Beja, tão cheias de poesia? Armam-se os mastros, enfeitam-se com flores, illuminam-se com lanternas e começa o baile de roda. Mal vem rompendo a madrugada, vão as raparigas todas para a fonte, que é antes do sol nascer que as aguas teem virtude.

Que linda é essa noite, em que as murtas e o alecrim parecem ainda mais cheios de perfumes! Que deliciosa discripção a que d'ella fez Fialho d'Almeida no seu maravilhoso conto dos NOVILHOS!

S. João... Depois ainda temos S. Pedro... Foi

um grande mez, não ha duvida. Depois, os ultimos dias de alegria na cidade foram-se de todo, até que as primeiras chuvas do inverno para ella tragam outra vez a população, que todos os dias vai fugindo.

Para festas e mais festas vão-se agora preparando as Ilhas, para onde El-rei deve hoje partir. O programma já approvado não lhe concede meia hora de descanço de sol a sol. E ainda ha de haver bailes e espectaculos de gala!

Nos ministerios da marinha e do reino anda tudo n'uma roda viva. E' preciso que tudo esteja preparado a tempo e horas. Os fios do cabo submarino trabalham constantemente.

Espera-se que as festas sejam memoraveis. Noticias que o correio traz das ilhas, ha muito, só falam da viagem d'El-rei e de como tudo se vai dispondo para recebel-o.

Lisboa entrará então definitivamente no regimen estival e sensaborão.

Fechou ha dias o theatro D. Amelia, onde para o anno se hão de apresentar ao publico as duas irmãs Delfina e Laura Cruz, outra vez representando ao lado de Rosas e Brazão seus primeiros mestres.

Tendo-se retirado do theatro de D. Maria, a primeira porque pediu a demissão, a segunda porque foi demittida, ha mais d'um anno, a não ser por excepção em algum espectaculo de caridade, que o publico as não applaude.

Bem fez a empreza do theatro D. Amelia reunindo na sua companhia muitas das mais promettedoras esperanças do theatro portuguez, a par dos artistas feitos e de ha muito classificados.

A frescura da mocidade, a formosura, conseguem muita vez com facilidade o que nem sempre está ao alcance do talento, ainda quando ajudado por violento esforço da vontade. Dê-se aos novos o logar que lhes compete, ajudem-se com o exemplo e dedicadas lições, e elles serão um dia a maior gloria dos mais velhos.

A par de Maria Falcão, já hoje a caminho d'uma primeira plana, e de Maria Ferreira, a gentilissima estreiante de ha dois dias, que tão precoces qualidades revelou, ha logar para Delfina Cruz, que tão notada foi no desempenho da *Maria* do *Frei Luiz de Sousa*, e para sua irmã Laura, que, uma vez, á propria Duse mereceu os maiores elogios.

Mas isso é theatro para o inverno.

Na Rua dos Condes representou-se uma d'estas noites com muito exito uma nova peça de Esculapio com musica de Dias Costa. Na Trindade continuam as representações de zarzuela, no Colyseu de Santo Antão as de opera lyrica.

Brevemente ouviremos duas operas portuguezas: uma já muito applaudida, *A Serrana*, de Alfredo Keil, outra de Oscar da Silva, poema de Julio Dantas.

Musica portugueza! Outra vantagem não tivéra a estada da companhia estrangeira, senhora das goelas do monstro, que absorve n'uma enchente toda a população que se diverte e deixa os outros theatros ás moscas, outra vantagem não tivéra além de nos dar a ouvir trabalhos de portuguezes, para ella irá todo o nosso applauso.

Por varias vezes se tem falado em preparar as coisas de modo que em Lisboa se pudesse estabelecer um theatro de opera comica portugueza. Tudo está dependente talvez d'uma boa reforma do conservatorio e da reunião de meia duzia de espiritos activos, postos fóra todos aquelles que só pretendem demonstrar intelligencia, lembrando objecções e sendo elles os unicos tropeços, como tanta vez temos visto.

Alguma coisa, senão muito, poderá conseguir-se. Haja boa vontade e confiança. O peor de muitas das nossas tentativas é nascerem ellas já tisicas, já mortas. Lembram ás vezes aquella rapariga muito magra, muito magra, que morreu. Os bichos, vendo a terra mexida de fresco, vieram approximando-se. Mas o que vinha na frente, olhou para o cadaver e disse para os outros:—Olá! Isto já cá esteve!

A quantos projectos nossos não acontece o mesmo! Dizem no cemiterio quando para lá voltam: —Isto já cá esteve!

Mas é notavel entretanto a coincidencia de duas operas portuguezas representadas, exactamente quando de opera portugueza mais se tem falado.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

VISITA DE SUAS MAGESTADES AOS AÇORES

Hoje, ás duas horas da tarde, devem Suas Majestades partir do porto de Lisboa em direcção á Ilha da Madeira, d'onde, depois d'uma demora de tres dias, seguirão viagem para as Ilhas dos Açores.

A divisão naval portugueza compõe-se dos cruzadores *S. Gabriel*, *D. Amelia*, *D. Carlos*, a cujo bordo vai El-rei com a sua comitiva, e onde foram preparados alojamentos condignos para Sua Majestade a Rainha.

No dia 18 á uma hora da tarde sahiu do Tejo o hiate real *D. Amelia* levando a seu bordo os officiaes de marinha pertencentes á casa d'El-rei: srs. D. Fernando de Serpa, Antonio de Athouguia Ferreira Pinto, Moreira de Sá e João Vellez Caldeira.

O vapor *Funchal*, levantou ferro no mesmo dia, levando cento e sessenta e quatro passageiros.

Muito se tem falado nos circulos politicos d'esta viagem, que, sob todos os pontos de vista, nos parece convenientissima. As Ilhas dos Archipelagos da Madeira e Açores bem merecem a honra que lhe é concedida de abrigarem por uns dias o chefe da nação portugueza, de que ellas são uma das mais formosas e importantissimas partes.

Pela primeira vez agora vai um soberano portuguez á Ilha da Madeira, por cognome a perola do Oceano.

Na corôa portugueza não ha mais linda joia.

Foi ella, na ordem chronologica, dos primeiros descobrimentos portuguezes. A ella pela primeira vez aportaram João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz, cavalleiros da casa do Infante D. Henrique, depois de, segundo diz a historia, desde a Ilha de Porto Santo, tambem por elles descoberta, haverem com curiosidade observado constante um como nevoeiro para os lados do sul. Partiram e ficaram maravilhados do que viram: montanhas altissimas, valles profundos, todos cobertos pela mais pujante vegetação. Largaram-lhe fogo e diz-se que sete annos durou o incendio. Foi n'aquellas cinzas que, plantada a vinha importada da Sicilia, se criou uma das mais celebradas fontes de riqueza do nosso paiz.

Tudo se prepara para que seja memoravel a recepção feita aos monarchas portuguezes pelo povo da Madeira. Os riquissimos proprietarios do districto, nacionaes ou estrangeiros, hão de envidar todos os esforços para bizarramente pagarem a honra, que pela primeira vez lhes é concedida de darem abrigo a seus soberanos.

Conforme o programma official, a esquadra portugueza, depois d'uma curta demora na Ilha de Porto Santo, onde Suas Majestades receberão os cumprimentos das auctoridades, deverá chegar ao Funchal no dia 22, pelas duas horas da tarde.

A comitiva dirigir-se-ha immediatamente para o bello templo da Sé onde será com toda a solemnidade cantado o *Te-Deum*. D'ahi dirigir-se-ha para o Paço, onde haverá recepção antes do jantar, seguindo depois para o theatro D. Maria Pia, para assistir á recita de gala.

No domingo 23, depois da missa na Sé, sessão solemne na camara municipal e visita ao quartel de infantaria, antes do almoço. A' uma e meia recepção official e depois visita á pittoresca Senhora do Monte. Jantar de gala e *retraite* militar.

Segunda feira, 24, será o dia prehenchido pela inauguração da exposição e visitas a varios estabelecimentos de beneficencia. A' noite haverá baile na Quinta do Vigia e fogos de artificio.

No dia 25, partirão Suas Magestades com rumo á Ilha de Santa Maria, depois da missa campal e passeios á Choupana e Pico do Infante.

O Occidente, que, hoje, mais uma vez, em homenagem a Suas Magestades, publica os retratos de El-rei sr. D. Carlos e Rainha sr.ª D. Amelia, offerece aos seus leitores algumas vistas da formosa ilha, tantas vezes descripta e tão cantada pelos poetas.

Agora nos recordou um dos mais bellos cantos de *Paquita*, na parte ultimamente publicada pelo illustre homem de letras Bulhão Pato.

A Ilha da Madeira fica a umas quinhentas milhas da barra de Lisboa, e avistada do mar, com seus picos altissimos, alguns com mais de mil e quinhentos metros, revela immediatamente sua extraordinaria formosura. Dobrada a ponta de S. Lourenço, passando para além do Machuco, tão cheio de bellas lendas romanticas, avistadas as pequenas freguezias da Agua de Pena, Santa Cruz, Senhora da Luz de Gaula, Santo Antonio da Serra, fundeamos no porto do Funchal.

Deu-lhe fóros de cidade El-rei D. Manuel em 1508. Possue quatro freguezias: Sé, S. Pedro, Santa Luzia e Santa Maria Maior.

A Sé de que damos uma vista, é um templo majestoso, cuja fundação data de 1493, e no qual ainda podem admirar-se bellissimos trechos de architectura manuelina. E' dividido em tres naves e possue uma torre com cincoenta metros de altura.

Contem quadros e alfaias antigas de muito e reconhecido valor.

Como monumentos dignos de attenção, devemos ainda mencionar a egreja de S. João Evangelista, que pertenceu aos padres jesuitas, e o convento de Santa Clara, fundado por João Gonçalves Zarco e onde existe a sua sepultura. Entre os edificios modernos devemos citar o hospicio da Princeza D. Maria Amelia, fundado pela Duqueza de Bragança, imperatriz do Brazil, em memoria de sua filha fallecida na Madeira, e o theatro D. Maria Pia, um dos melhores de Portugal.

Muitos pontos de extraordinaria belleza possue a Ilha da Madeira. O *Monte*, junto do Funchal é uma d'essas maravilhas, com a sua egreja sem grandes bellezas architectonicas mas devéras pittoresca, lá no alto, a 580 metros sobre o mar, mais alto que o castello da Pena e n'uma encosta ainda mais empenada. A descida faz-se dentro d'um carrinho sem rodas, que deslisa pela calçada, empurrado por um homem, n'uma velocidade vertiginosa. N'um instante está-se de volta no Funchal.

Citando apenas, fariamos uma lista enorme de nomes lembrando a quem alguma vez teve a dita de percorrer tão bellos logares, horas de supremo encanto.

Demoremo-nos apenas um instante no Rabaçal, de cujos visos se desfructa o mais arrebatador dos panoramas. Serras e valles tudo é afogado na mais pujante e victoriosa vegetação. Apenas um atalho, em que precisamos andar com o maior cuidado, nos ajudará a percorrer esse verdadeiro paraizo da terra. Assim descrevem os mysticos o caminho do céo. Mas riscos e trabalhos todos os darão por bem empregados, logo que cheguem perto da grande queda d'agua que, iriada pelos raios do sol, se despenha d'uma altura enorme.

O pouco tempo de que Suas Majestades dispõem não os deixará á vontade gosar de tantas maravilhas que a natureza lhes offerece. Em compensação, tudo o que a civilisação e a arte teem descoberto para encantar os espiritos lhes será offerecido pelo povo madeirense, cuja hospitalidade é proverbial.

No proximo numero daremos aos nossos leitores algumas vistas dos Açores, onde os festejos segundo consta, serão deslumbrantes.

Acompanha a familia real o sr. presidente do conselho, Hintze Ribeiro, natural da Ilha de S. Miguel. Mais uma razão para que as festas sejam enthusiasticas, tendentes tambem a honrar um dos homens mais illustres dos Açores

MYSTERIO

> «O mysterio não é o mesmo por toda a parte?»
> Miguel Bombarda (*A consciencia e o livre arbitrio*, capitulo 19, paginas 312).

Em um volume de Vinet encontrei esta passagem deveras digna de meditação: «Qu'y a-t-il dans les régions de la mort? Nul n'est revenu, nul ne reviendra pour nous le dire. Toutefois, la croyance à l'immortalité de l'âme sillonne lestenèbres comme une lueur consolante.»

A idéa do além-campa tem irradiado na mente de todas as gerações e contra a idéa de aniquilamento no seio do nada após a vida terrena tem havido sempre vehemencia de revolta em todos os povos do mundo.

As pyramides que o egypcio levantou em Gizeh, não são «as revelações, como escreveu o fallecido Benalcanfôr em seu livro *De Lisboa ao Cairo*, agigantadas de um dogma consolador»?

Pois a par d'aquelles monumentos colossaes não anda envolvido um pensamento de eternidade?

«O mysterio tornou-se uma idéa simples e commum á humanidade inteira», disse o philosopho allemão Feuerbach em *A essencia do Christianismo*.

Todavia, ninguem se contenta com o culto sin-

gelo da morte e todos tentam penetrar os arcanos do tumulo.

Ha porém, mysterio e mysterios; esphinge insondavel para os Anquetil Duperron e para os Champollion e letra indecifravel mas não muda para toda a gente; ha coisas que carecem de interpretação em sua leitura material e ideaes symbolicos de que póde ser difficil e até impossivel estudar o revestimento exterior mas que falam aos olhos, afinam o individuo, levantam o espirito, electrisam a multidão; n'uma palavra, ha valor positivo, real e valor de incognita, não palpavel e intrinseco; o que se vê e o que se não vê!

E quando o amor insaciavel de saber nos arrasta sem prudencia de investigação em investigação, de esphera em esphera e de planeta em planeta, perde-se o equilibrio, esmaga-nos o excesso, sepulta-nos no silencio a propria protervia.

Importa confessar o acanhado de nossos horisontes, a estreiteza de nossos recursos e o alcance limitado de nossas faculdades.

O homem conhece-se? elle tem auctoridade mais do que relativa no dominio das sciencias e no campo experimental das observações?

Não são espantosos os contrastes singulares de continente para continente, de paiz para paiz, de individuo para individuo na familia racional?

Pois no mesmo individuo não se chegam a notar mudanças extraordinarias fóra das crises naturaes de transição de idade?

N'este ponto affirmou com logica evidente Justino M. d'Oliveira em suas *Considerações sobre a verdadeira interpretação dos termos technicos da Mechanica*: «entre a vontade e a sua execução pelos nossos orgãos ha um abysmo.»

Os phenomenos, porém, impõem-se ao registo humano na eloquencia formidavel das realidades.

Querendo destruir as interrogações que nos suspendem a cada passo, formulamos hypotheses, urdimos systemas, inventamos filiações biologicas, creamos termos de technologia ephemera e emfim pronunciamos a palavra abysmo, mysterio.

E' assim que nasceram e medraram utopias sem nexo e que vão acudindo aos labios de muitos sabios illustres expressões exoticas para sustentaculo de theorias que fallecem de inanição immediata.

Em filosofia é incalculavel o numero de hypotheses figuradas para explicar a substancia immanente no ser humano, conciliando-a com a natureza organica subordinada fatalmente ás leis de transformação operada sem cessar pelas acções e reacções physico-chimicas.

A impossibilidade de alliar espirito e materia n'um mesmo individuo, com a propriedade geral dos corpos, de impenetrabilidade, que abrange as almas e os impoderaveis por egual forma, uma tal impossibilidade irreductivel em face da razão e do bom senso tem levado pensadores geniaes e intelligencias robustissimas ás aberrações mais doentias e a estados pathologicos devidamente classificados na categoria de loucura.

São estas as consequencias tristes que acompanham a evolução desordenada no anhelo de desvendar tudo quanto nos cérca, nos provoca o animo e nos deslumbra o espirito depois de fascinar a nossa visão.

«Os phenomenos psychicos; concluiu o dr. José Maria Rodrigues em seu soberbo trabalho *Pensamento e movimento*, não se podem explicar pela materia nem pelas suas propriedades ou forças: é absolutamente necessario atribuil-os a uma causa diversa — a alma.»

Como admittir porém uma força espiritual n'um corpo impenetravel?

«Quando estudamos este vasto conjucto *(o universo organico)*, disse Laloy no prefacio de uma memoria de Haeckel traduzida por elle, não podemos negar que uma finalidade totalmente extranha ao mundo organico presidiu ás adaptações successivas e tão variadas da natureza viva.»

Nem o neurone nem a constellação significam a ultima palavra da sciencia no tocante á anthropologia animal nem o physiologo saberá jámais construir edificio perduravel prescindindo do Ente Creador.

«*Para onde vamos?* pergunta Lodiel estudando a vida futura e convertendo similhante interrogação em titulo de seu livro.

«O tombeaux! exclamára Volney na *Invocação de Les Ruines*, que vous possédez de vertus!»

Caminhamos para a morte desde o utero de nossas mães: aqui não existe mysterio, é lei fatal do ser, a partir do infinitamente pequeno até ao infinitamente grande, desde o animalculo ainda invisivel ao microscopio até ás agglomerações astraes suspensas nos oceanos atmosphericos que se negam aos telescopios mais poderosos.

A morte paira acima de tudo e tudo empolga: do mesmo modo que no homem, por exemplo, a fraqueza das palpitações indica que a vida se apaga, assim tambem as manchas no sol annunciam que a luz lhe ha de fenecer extinguindo-lhe a potencia vivificante.

Onde começa pois o mysterio? é elle susceptivel de hypostasis? admittem estas graus de modalidade ou são meras sombras de imaginação alienada?

A cova abre-se no chão das necropoles, a enxada do coveiro ageita o cadaver nos seios da mãe commum, a lagrima da saudade evapora-se nas vibrações do ar, tal como o aroma da rosa e a chamma da véla.

E não resta mais nada? o além-campa será uma ficção mythologica de geração expontanea ou terá germinado em cerebros de troglodytas lá nas cavernas sem conforto das idades primitivas?

Não sei, ignoro; mas diz-me a sciencia nas excavações da geologia e pela bocca dos archeologos que todas as regiões habitadas da terra dão testemunho inequivoco de que as gerações que passaram foram crentes na vida depois da morte.

Os tumulos em numero prodigioso encontrados repletos de utensilios, as festas e os banquetes funerarios dos antigos e mesmo de contemporaneos mais ou menos selvagens em que se offertam viandas aos mortos, que traduz tudo isto senão fé viva na sobrevivencia ao passamento mundano?

Homens que estudaes! arautos da sciencia! caminheiros infatigaveis no ideal da Civilisação e nas conquistas do Progresso, empunhae a tuba sonorosa de vossas victorias assignaladas, prosegui ovantes na estrada triumphal e ingente da emancipação social da creatura pelo ministerio do saber e quando houverdes saciado o vosso desejo nobilissimo e intemerato tende a certeza de que havereis tambem rasgado todos os véus que occultam a verdade e então entoareis ao Deus para que não ha mysterio, o hymno da esperança glorificada e da gratidão reconhecida!

D. Francisco de Noronha.

SCIENCIA MODERNA

XXXIII

O VOANDZOU

A classe das leguminosas é, sem duvida das que maior numero de alimentos teem fornecido ao homem. Apezar de se conhecerem grande numero de plantas d'esta classe que possam constituir a nossa alimentação, taes como o feijão, ervilha, a couve, etc., no entanto, ainda existem algumas de que se desconhecem completamente as suas propriedades nutritivas. Ainda, recentemente se teve occasião de averiguar um novo fructo, egualmente fornecido pela classe das leguminosas que possuem poder de nutrição muito superior a todos aquelles que até hoje se conhecem da mesma especie, e que se utilisam para o mesmo fim.

Referimo-nos ao *voandzou*.

E' esta planta quasi que desconhecida na Europa, por isso diremos algumas palavras sobre ella para elucidarmos um pouco o nosso leitor sobre o assumpto.

A sua origem é africana, sendo a sua cultura, pelos negros, bastante espalhada por toda a Africa intertropical. No Brazil, é esta mesma planta conhecida pelo nome de mendobi d'Angola.

O seu fructo é uma vagem, com grão ovoide, de aspecto marmoreo negro tendendo um pouco para o vermelho. Produz este fructo, uma farinha branca com o sabor egual ao de todas as outras farinhas da mesma especie, mas que depois de cozida na agua, adquire o sabor da castanha.

Ballaud procedendo á analyse dos fructos obteve o seguinte resultado: Peso dos grãos oscillando entre 0,gr35 e 1,gr10 — Materias azotadas 19 % — Substancias gordurosas, 6 % — Materia amylacea, 5 % — Cellulose, 4 %.

Estando calculado que o homem para compensar as perdas que o organismo humano diariamente soffre, necessita de 20 grammas de materia azotada, 56 grammas de gorduras e 500 grammas de hydratos de carbone, tomando já em conta, os coefficientes de digestibilidade, encontramos n'este fructo, os elementos indispensaveis para a compensação d'estes prejuizos causados, em uma quantidade relativamente pequena de grãos d'este fructo, visto que apenas, é necessario, um kilogramma.

Esta leguminosa é o primeiro exemplo conhecido em producto natural que tem a composição de um alimento completo. Por este facto, o homem que se alimentasse exclusivamente de grãos de *voandzou* poderia perfeitamente dispensar qualquer outro alimento, sem prejuizo de sua saude. São, por conseguinte, de grande importancia, as analyses effectuadas por Ballaud, sobre os grãos d'este fructo, os quaes nos vieram demonstrar a existencia de mais um novo alimento vegetal que até hoje nos era quasi que completamente desconhecido, alimento este que, pela sua composição, é superior a todos os outros de egual especie.

XXXIV

CONTRA O RHEUMATISMO

Um dos males que mais incommodam o homem, sobretudo os de edade avançada, é o *rheumatismo* — Varias receitas mais ou menos efficazes teem sido imaginadas para o combater, algumas das quaes teem produzido effeito satisfatorio.

Os derivados do acido salycilico são de ha tempo, conhecidos como constituindo preparações therapeuticas muito efficazes contra essa doença, assim o salycilato de methyle faz egualmente diminuir notavel e rapidamente, as dôres.

Este ultimo composto tem, no emtanto, um grande inconveniente. O seu cheiro forte, activo e empyreumatico, é em geral, mal tolerado pelo doente.

Para o substituir, Doyon e Lyonnel, imaginaram um novo preparado salycilado, a que denominaram amylenol ou ether amyl-salycilico.

Este corpo não é mais do que um derivado salycilado do alcool amylico, e é obtido por meio da acção do chloro sobre uma solução saturada de acido salycilico no alcool amylico. Ao producto resultante da reacção entre estes corpos, deram Doyon e Lyonnel, o nome, como dissemos, de amylenol.

E' um liquido incolor e de cheiro extremamente agradavel, semelhante ao do salol, sendo esta a vantagem que, sobre o salycilato de methyle, este corpo apresenta.

As propriedades therapeuticas do novo producto são identicas ás d'aquelle, mas basta a ausencia de cheiro para que este seja supportado pelo doente, de melhor vontade do que o salycilato de methyle.

Como o devemos empregar?

Deite-se em uma porção de gaze, sufficiente para envolver a parte dorida, 2 ou 3 grammas de salycilato d'amyle, estenda-se o gaze sobre o corpo, cobrindo-se aquelle tecido de uma pequena porção de taffetá. Ligue-se o todo por meio de uma faixa, tendo o cuidado de, entre esta e o taffetá, metter uma porção de algodão em rama. D'esta fórma, o liquido fica bem adherente á parte do corpo que soffre a dôr. No fim de poucas horas, esta diminue consideravelmente, a ponto de desapparecer.

O liquido tem a propriedade de penetrar bem na pelle, o que se reconhece pela analyse das urinas.

E' mais um avanço que a medicina experimenta com este novo preparado, imaginado por Doyon e Lyonnel.

1-6-901. *Antonio A. O. Machado.*

FA SUSTENIDO

POR

Alphone Karr

XXXV

Conrado, adormecido n'uma poltrona, sonhava que ainda estava no tempo de seus amores com Branca. Revia-a esbelta, elegante, por uma palavra fazendo-se córada e com um dia todo feliz por uma corôa de flores de campo; elle voltara a ser timido e ardente ao mesmo tempo; desgraçado se uma nuvem toldando o sol pudesse, crescendo e desfazendo-se em chuva, fazer falhar uma entrevista, feliz por um olhar, um sorriso.

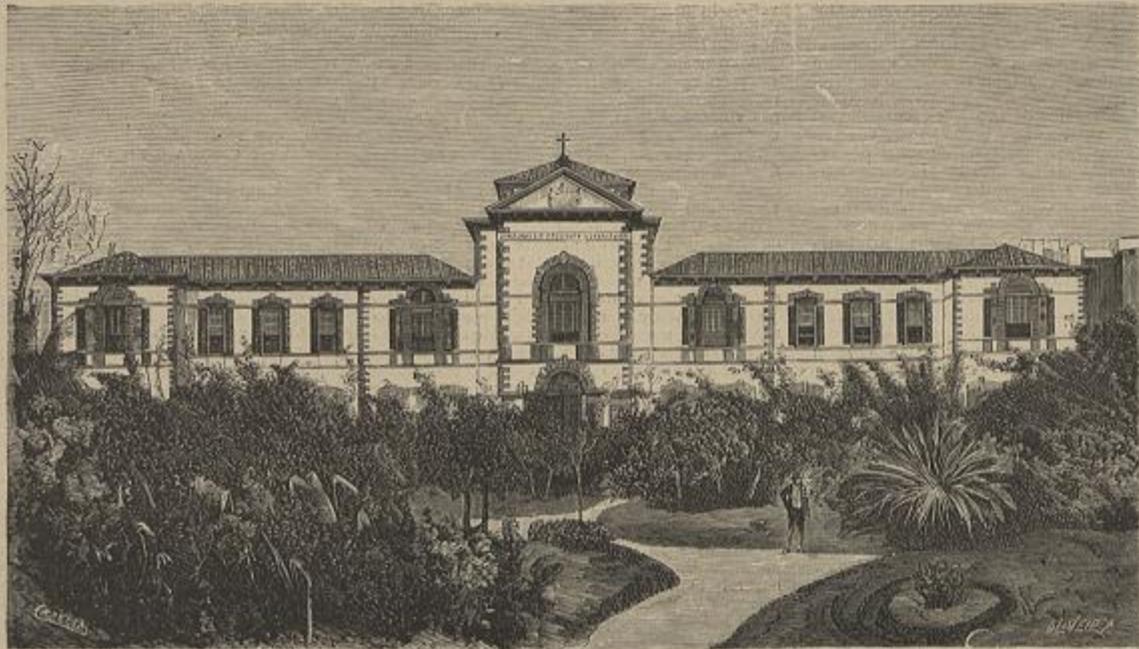
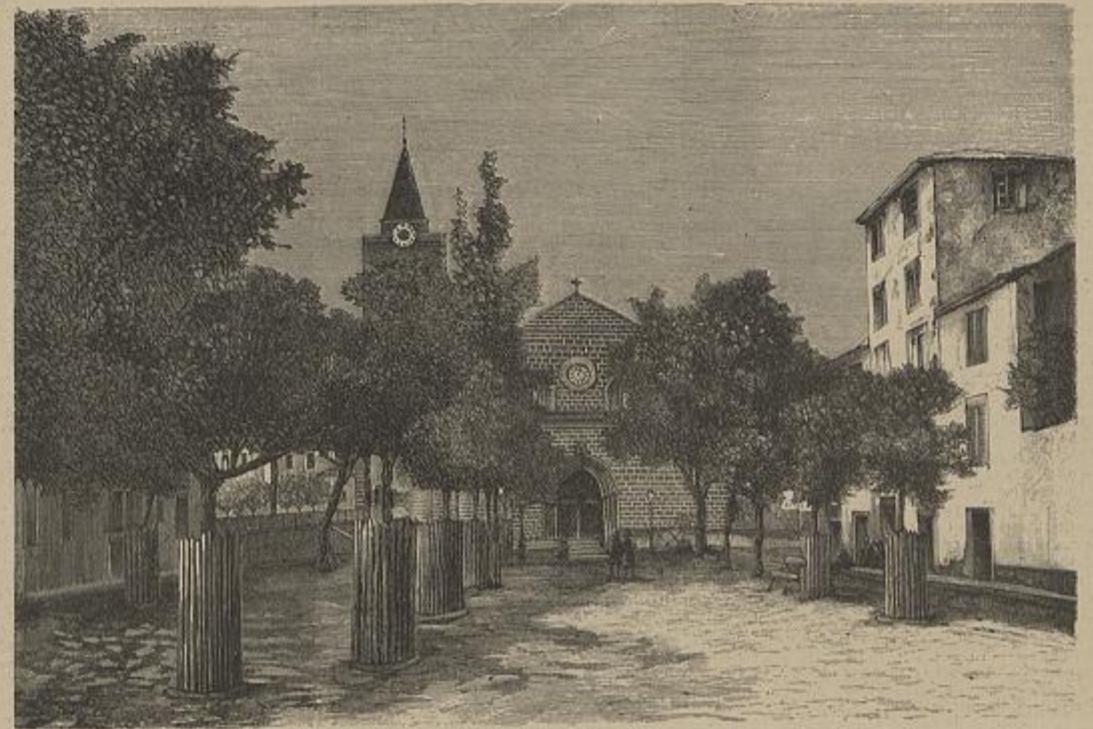
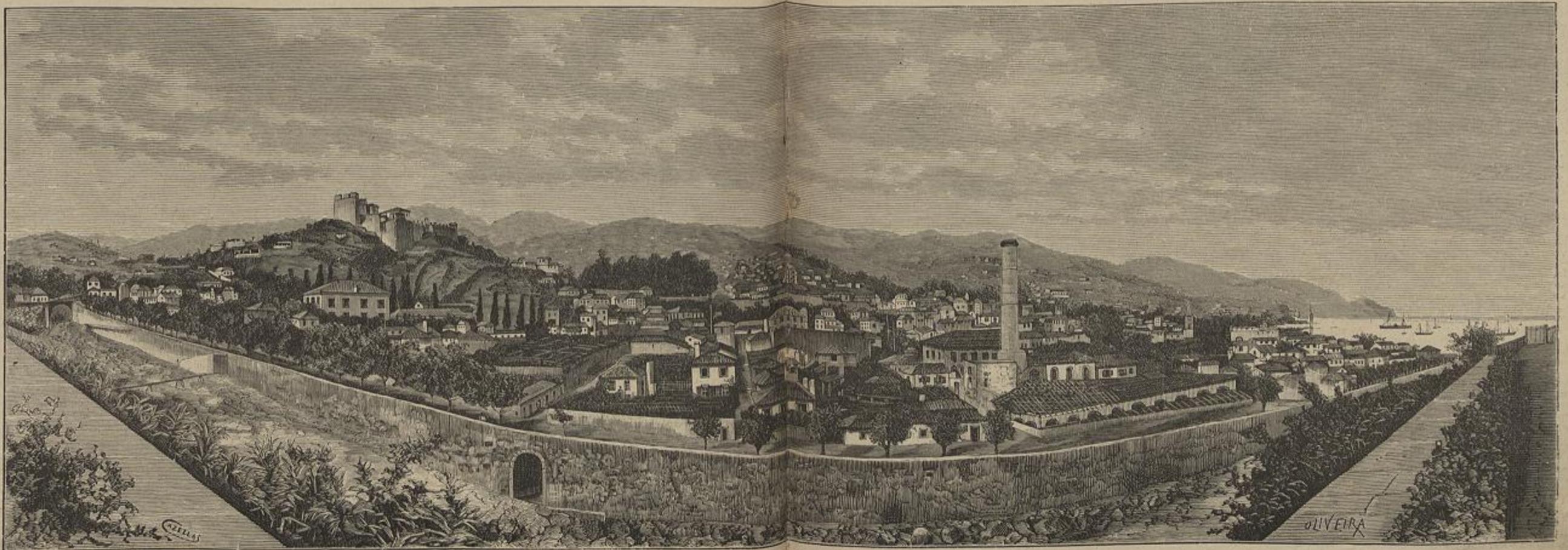
Estava ao lado d'ella, por detraz das nogueiras, falando-lhe em frazes poeticas do seu amor, das suas esperanças, apertando-lhe com tanta força as mãos, que parecia querer unir a sua carne á d'ella, os ossos aos ossos e o sangue ao sangue.

A Branca muito commovida, via-lhe soerguer-se o lenço sobre o seio.

De repente, fitando n'elle os olhos, desatou uma gargalhada.

Elle, ao vel-a assim, tambem se poz a rir; mas tanto, que ambos rebolaram pelo chão.

Depois começaram a dar cambalhotas e aos pulos por cima d'uns ovos, que debalde queriam não

VISITA DE SUAS MAGESTADES AOS AÇORES

HOSPICIO DA PRINCEZA D. MARIA AMELIA, NO FUNCHAL

A SÉ DO FUNCHAL

PANORAMA DA CIDADE DO FUNCHAL

partir; queriam voar, durante instantes ficavam nos ares, mas logo cahiam em cima dos ovos; depois, como em todos os sonhos, tudo se baralhou; appareceram muitos homens e mulheres, a rirem na cara uns dos outros, apontando com os dedos uns para os outros n'uma alegria de troça augmentando cada vez que um d'elles cahia em cima dos ovos; depois appareceram tantos, tantos que já não havia meio de ninguem se entender; uma voz clara, no meio da barulhada, começou a cantar os primeiros compassos da cantiga: *Ao Rheno!* Mas as gargalhadas eram tantas, que o Barão acordou.

—Extraordinario sonho! disse.

Um dos passageiros, que lhe ouviu a exclamação, observou:

—Parece que teve um sonho extraordinario.

—Muito extraordinario, disse Conrado.

—Seria indiscrição..

O Conrado ia já a responder que era indiscrição, quando lhe abafou a voz a de uma mulher.

—Sem querer desfazer no sonho do sr. Barão... um tive eu que me parece dos mais extraordinarios.

O Conrado não desgostou que, sem o conhecerem, lhe chamassem sr. Barão. É porque naturalmente logo se vê pelo meu ar e maneiras.

E' de crer que o Athanasio muito houvesse concorrido para que assim se adivinhasse o titulo do amo.

A mulher contou o sonho; cada qual interpretou-o a seu modo; mais dois ou tres contaram os sonhos da ultima noite; depois contaram-se longas historias de sonhos, que se haviam realisado; o primeiro narrador contou uma historia que lhe haviam contado; responderam-lhe com incredulidade.

O segundo contou uma historia acontecida na familia; os outros sorriram.

O terceiro uma anecdota do pae; alguns já nem sorriram.

O quarto tirou os oculos azues e disse:

—Meus srs., como quasi todos os que aqui estão, eu tambem não acreditava; teria rido muito, se alguem me tivesse querido explicar um sonho; mas uma grande desgraça que me aconteceu e me encheu de amargura uma grande parte da vida, diminue muito a minha incredulidade.

Todos se chegaram; deitou-se mais lenha no lume.

O narrador tornou a pôr os oculos azues e pegou na tenaz para melhor presença,

XXXVI

Historia do passageiro dos oculos azues

—Meus srs. sou descendente, e a minha geneologia está provadissima, d'um dos primeiros chefes germanos, que passaram para além do Rheno, estabelecendo-se na Gallia; depois, razões que tiveram para desgostar-se obrigaram meus avós a atravessar outra vez o Rheno. .

. . . .

. . . .

XXXVII

O auctor

E' coisa terrivel que um homem que, por qualquer artificio, obteve:

O direito,

O previlegio,

Ou o abuso de se fazer escutar, sobretudo quando não sabe se outra vez apanhará os mesmos ouvintes, e os considere como preza disposta a escapar-lhe e por conseguinte, não tenha interesse em poupal-os.

O passageiro dos oculos azues sujeitou os ouvintes á historia de todos os seus *aves, ataves* e *proaves* com um sangue frio e tenacidade imperturbaveis.

Como temos a pretenção, ou pelo menos um desejo vehemente de não perdermos totalmente os nossos leitores, poupar-lhe-hemos a maior parte da longa narração, saltando desde já para a historia que propriamente diz respeito ao narrador.

XXXVIII

Continuação da historia do passageiro dos occulos azues

—Eu tinha vinte e tres annos; além das prendas da mocidade, possuia uma linda fortuna e um futuro illuminado pelas mais bellas esperanças; ia casar-me com uma mulher que idolatrava.

Devo dizer-lhes que o merecia:

Uma cintura de nympha,
Cabellos d'oiro,
A bocca uma rosa,
O rosto como leite,
Olhos adoraveis,
Um pescoço encantador,
Um seio divino,
As mãos deliciosas,
Uns pés...

E por lhe faltar a expressão, poz a mão direita sobre a esquerda, de maneira que se não viam senão as duas primeiras phalanges dos dedos, o que dava ao pé que elle queria descrever o tamanho maximo de duas pollegadas.

—Emfim, accrescentou, os senhores nunca viram uma coisa assim.

—Por minha fé, disse entre si o Krumpholtz, se aquillo se não parece com todas as mulheres, parece-se pelo menos e muito com o retrato que cada homem pinta da mulher amada.

—Tal era Branca, continuou o narrador.

—Branca! exclamou Krumpholtz.

—Branca! disse mais baixinho o Athanasio, que tinha ido buscar um copo d'agua para o amo e lh'o entornou todo em cima.

—Desastrado! disse o Barão.

Quando sahiu depois de haver enxugado o Barão, disse este:

—O maroto melhor teria andado mandando cá um criado da hospedaria.

—Ai, sr! disse uma mulher. Isto de criados está uma desgraça! Ainda hontem tive que pôr fóra um de quem gostava muitissimo.

N'isto o homem dos oculos azues, vendo a interruptora tomar a respiração, cuidou que podia continuar a sua historia; mas se a mulher tinha tomado a respiração, era tambem para outra historia começar; de modo que ambos elles, cuidando que o outro lhe cederia a palavra, falaram ao mesmo tempo durante alguns minutos.

O HOMEM DOS OCULOS	A INTERRUPTORA
Tal era Branca. Iamonos casar, e só a ausencia d'um irmão querido addiava por alguns mezes uns instante, que nós ambos...	Era um homem que tinha sido aio de meu irmão, que me tinha trazido ao cólo e que meu irmão na hora da morte muito me havia recommendado. Mas...

N'este ponto, como nenhum cedia, ambos se calaram; mas, vendo a palavra livre, ambos ao mesmo tempo lhe pegaram outra vez.

O HOMEM DOS OCULOS	A INTERRUPTORA
Que nós ambos, não é para gabar-me, desejavamos com egual anciedade. Todas as noites ia a casa d'ella e toda a gente na terra falava a nosso respeito.	Mas o homemzinho não gostava senão de beber; não havia dia que me não chegasse a casa n'um estado que era mesmo uma desgraça, coitado!

Então os ouvintes tiveram que acudir-lhes. Embora todos fossem de opinião que o homem ia abusando da palavra que lhe tinha sido concedida, era pena que debalde a todos tivesse maçado até então. Pediram-lhe que continuasse. Deitou-se mais uma acha no lume, e elle continuou:

—Já toda a gente na terra falava a nosso respeito, como se fossemos casados.

Uma noite succedeu-me sonhar que estava tocando no meu cravo uma musicasinha de que gosto immenso.

—Poderia dizer-me que musicasinha era? perguntou o Conrado.

O passageiro pensou que não devia responder á interrupção ou talvez a não ouvisse. Continuou:

—Cada tecla branca em que tocava quebrava-se sob a pressão do meu dedo e afinal o que eu tinha quebrado era um ovò.

—Tambem eu, pensou Conrado, tenho no meu sonho uns ovos qnebrados.

—E' de máo agoiro, disse a interruptora.

O homem tratou logo de tomar o fio, mas, para reconciliar-se com a mulher, que ainda não era má de todo, disse voltando-se para ella:

—Foi tal qual o que no dia seguinte me disseram as minhas duas tias; puz-me a rir, mas achei-me castigado pela minha incredulidade.

—E' musica que ha de dar-lhe muita infelicidade, meu sobrinho, disseram ellas.

—Ora! Por isso mesmo é que ha de cantar-se no dia do meu casamento.

Devo acrescentar que a musica ninguem então a conhecia lá na cidade e que eu aprendêra-a com a Branca.

Uma noite, quando sahia de casa d'ella, tocou-a no cravo, como para dizer-me adeus.

—Caro sr., disse Conrado, peço-lhe o obsequio de me dizer como era essa musica.

—Schiu!... disseram todos para impôr-lhe silencia.

—Bem, pensou, pergunto-lh'o, quando elle tiver acabado a historia, que os diabos levem.

—Qual não foi o meu espanto, continuou o homem dos oculos azues, quando ouvi lá embaixo, um sujeito que, na afinação do cravo, fazia a segunda voz da cantiga. Uma duvida de ciumento apertou-me o coração. Approximei-me do atrevido e, naturalmente impetuoso, perguntei-lhe o que ali estava fazendo. Respondeu-me desgraçadamente com uma bofetada, eu, cheio de colera salto-lhe ás goelas e mato o! No dia seguinte a policia poz-se em campo; mas eu tinha sido atacado primeiro, estava no caso de legitima defeza, teve de calar-se,. Mas o homem que eu tinha morto era o irmão da minha amada, a quem tive de dizer adeus para sempre.

N'esse mesmo momento entrou um homem, que pediu que lhe dessem um cantinho ao pé do lume.

O homem dos oculos azues mudou de côr, levantou-se e sahiu precipitadamente. Conrado quiz ainda interrogal-o, mas só teve tempo para se desviar, senão ia-se a terra com um encontrão do narrador.

—Não tem razão, disse o recemchegado, não lhe quero mal, nem sequer lhe quiz pregar um susto.

—Conhece-o? perguntou o Conrado.

—Sou irmão d'uma mulher com quem elle esteve para casar.

—O quê! disse a interruptora, recuando com a cadeira, o sr. é o homem que elle esganou?

—Que eu saiba, não senhora, disse o desconhecido.

Puzeram-o ao facto e elle poz as coisas no seu pé. N'essa noite em que voltara sem prevenir ninguem, a pergunta impertinente do homem dos oculos azues obrigára-o a dar-lhe uma bofetada; o homem desatou a fugir gritando ó da guarda. Isso tornára-o tão ridiculo aos olhos da noiva, que se recusára a um casamento, que, aliás, já muito lhe desagradava, havendo muito que desejava um pretexto com que pudesse desmanchal-o.

—Seja como fôr, disse a mulher tagarella, a verdade é que o sonho tinha sahido certo e que a cantiga lhe foi de máo agoiro. Eu cá tomára nunca sonhar com ovos quebrados.

Conrado não resistiu ao desejo de contar o sonho que tivera.

—Não ha nada mais claro, explicou elle. Isso quer dizer que o sr. se ha de apaixonar por uma dançarina que lhe dará cabo de quanto tem.

—Ou antes, disse um passageiro, que o jogo ha de arruinal-o.

—Ou um processo, disse outro.

—Mas é que este sr. continuou a mulher, sonhou que tinha azas e voava, e isso é até de bom agoiro.

—Applica-se perfeitamente ao que eu disse, replicou o ultimo interlocutor, este sr. como todos os jogadores cahirá no abysmo.

—Sim, no abysmo, disse a mulher.

—No abysmo sem fundo, disse outro.

—Mergulhará no abysmo exactamente por certas circumstancias felizes que um dia hão de cegal-o.

—Mas, continuou o primeiro passageiro, tudo isso ainda é applicavel ao que eu disse: será para elevar-se e mais enriquecer que este sr. ha de intentar o processo que o arruinará.

—Mas tambem, disse a mulher, póde applicar-se ainda melhor á minha explicação. Será no meio dos maiores prazeres, no instante em que ha de julgar-se no setimo céo, nos braços da sua dançarina, que este desgraçado ha de ser trahido. Eis o que o sonho quer dizer.

—Sr. disse o Athanasio, o seu sonho é sonho e não quer dizer nada.

—Tambem me parece, disse o Barão.

XXXIX

—Tolice! dizia Conrado comsigo mesmo subindo a escada para ir deitar-se. Podia perfeitamente ter perguntado ao desconhecido que poz em fuga o narrador, que cantiga é que elle cantava debaixo das janellas da irmã. Mas tenho outro meio de sabel-o, é perguntar ao narrador.

Depois, falando alto, continuando no mesmo pensamento:

—Athanasio, disse, has de perguntar onde é o seu quarto.

Athanasio demorou-se um instante sem perceber, Depois disse comsigo:—«E' pasmoso!» Sahiu e, dez minutos depois, veio dizer ao amo:

—E' ao fim do corredor, a porta mesmo em frente da escada.

—Bem, disse o Barão.

E depois pensou:

—Vou lá, assim que amanhecer.

—E' pasmoso! pensava o Athanasio, nunca tal acreditaria do patrão.

Mas, quando na hospedaria tudo estava socegado, quando viu que até os moços da cavallariça tinham apagado as lanternas, Krumpholtz levantou-se e, ás apalpadelas, procurou o caminho do corredor. A idéa da cantiga estorvava-lhe o somno e queria pedir ao homem dos oculos azues que lh'a cantasse... tanto mais que se lembrou de que os passageiros deviam partir ainda de noite. Conforme as instrucções do Athanasio, chegado á porta em frente da escada, ao fundo do corredor, bateu devagarinho e ouviu perguntarem-lhe em voz baixa:

—Quem é?

—Segundo parece, espera alguem, disse comsigo o Krumpholtz. Vou-lhe dizer quem sou, para não o enganar—Barão Krumpholtz!

E bateu com mais força.

—O' da guarda! O' da guarda! gritou uma voz de mulher em tom agudissimo.

Krumpholtz deitou a fugir; mas em logar de tomar pelo corredor que devia, tomou por outro e ainda por outro. A voz continuava gritando ó da guarda. Achou uma porta aberta e, ouvindo que o seguiam os passos dos cocheiros, que procuravam achar a causa do barulho, fechou-se á chave dentro d'um quarto, onde uma cama desmanchada mostrava que quem ali dormira tinha sahido n'aquelle instante.

Effectivamente uma criada, que fôra a primeira que se levantára com o barulho, não tardou, logo que persuadiram a viajante de que tudo era sonho, a querer voltar para a cama; mas achou a porta fechada e debalde tentou abril-a.

—E' exquisito, dizia, no meio de seus inuteis esforços; cuidava que tinha deixado a chave por fóra.

Entretanto o Conrado não fazia bulha nenhuma. Calculem que susto não apanharia a rapariga, se visse sahir-lhe do quarto um homem tão pouco vestido como estava o Barão. Eram ainda mais gritos e não sei que razões o Conrado poderia dar para explicar sua estada n'aquelle quarto.

A rapariga, meio despida tambem, decidiu-se a ir lá abaixo buscar uma outra chave. O Conrado, poz o ouvido á escuta dos passos que se afastavam para escapar-se e voltar para o quarto. Nada ouvindo já, abriu muito devagarinho a porta e sahiu; mas apenas deu uns passos, quando a voz fortissima do conductor da carruagem fez estremecer os corredores, batendo a cada porta para acordar os passageiros.

O Conrado voltou para traz e tornou a fecharse no quarto.

Uns passageiros, que se levantaram, começaram a sahir para o corredor. A criada, que voltava quasi despida, vendo gente levantada, metteu-se no quarto d'outra criada.

— Vamos, Carlota! gritava o conductor batendo-lhe á porta. Ainda te não levantaste, mandriona? Perdes as gorgestas e tanto peor para ti.

O Conrado nem se moveu.

— Vamos, Carlota, disse o conductor, batendo com mais força. Trata de te levantares, rapariga. Ainda não matei o bicho e temos de partir.

— Porque, diabo, não responderá ella? perguntou a uns paasageiros que se tinham approximado.

— Talvez esteja doente, disse um.

—E' sempre a primeira que se levanta! accrescentou o conductor.

—E' que está doente.

— Carlota, gritou o conductor. O' Carlota! E batia que parecia querer arrombar a porta.

O Conrado nem tugia.

Mas o conductor tirou o relogio e disse aos passageiros:

— Toca a partir.

Poz o ouvido á escuta.

—Olhem, disse, já ahi está a outra carruagem a chegar. E temos de partir trez horas antes d'ella. Vamo-nos embora.

Quando a carruagem rodou, a gente da casa vejo bater á porta; mas a Carlota com uma saia emprestada veio socegal-os. Entretanto era preciso abrir o quarto. A outra chave não podia dar volta, porque o Conrado tinha mettido uma pedrinha no buraco da fechadura.

—E' arrombal-a, disse um moço da cavallariça.

E foi buscar um masso.

Então o Conrado percebeu que, desse as explicações que desse, ninguem o acreditava. Resolveu-se a abrir a porta e a ir com toda a gravidade metter-se na cama, por entre as tres ou quatro criadas que esperavam pelo moço e sem dar uma palavra.

(Continua)

Recebemos e agradecemos:

O Rei das Serras *por Edmond About—Empreza do Occicente—1901.*

Este encantador romance, que tanto apreço mereceu dos nossos leitores, acaba de ser publicado em um elegante volume enriquecido com as illustrações originaes que o acompanharam.

Ao delicado humorismo do auctor, junta-se a graça da traducção, devida a um dos nossos mais festejados collegas, e o apropriado das estampas especialmente desenhadas para esta versão do *Rei das Serras.*

O volume com cerca de 200 paginas, com muita leitura, custa apenas 300 reis, sendo nitidamente impresso em magnifico papel. Encontra-se á venda nas principaes livrarias e os pedidos para a provincia são satisfeitos franco de porte.

As convulsões da Patria *(poemeto) por José d'Arruella — Typ. França Amado — Coimbra,* — 1901.

As actuaes circumstancias politicas e economicas do paiz inspiraram ao sr. José d'Arruella um sentido e vibrante poemeto intitulado *As convulsões da Patria.*

Para que se avalie dos nobres intuitos do poeta, copiamos aqui o que se lê na ultima folha do seu livro:

«Este opusculo offerece-o o auctor a todos aquelles que põem o principio da liberdade, da razão e do patriotismo, acima das pedras das calçadas e das arruaças dos desvairados.

«A Liberdade tem um throno e as pedras só teem lama.

«A Razão é calma—a Justiça é serena: apupos e insultos não podem ser filhos da razão nem da justiça.»

Não podem, pois, ser mais dignos os pontos de vista a que obedece o poemeto. A esta excellencia do contheudo accresce a delicadeza da fórma, que é a de parelhas de bons alexandrinos.

O sr. Arruella usa algumas palavras que mostram bem o muito que admira Thomaz Ribeiro, Guerra Junqueiro e outros inspirados poetas, de quem nos pareceu encontrar vagas reminiscencias nos seus versos:

«Patria... minha Patria:
Aconchegada ao seio
«Assim como se fosses o ente por que anceio;
«Assim como se foras um coração dilecto,
«Por quem eu désse a vida em troca d'um affecto...
«Uma alma irmã da minha, um ser egual ao meu,
«E em um ser egual ao que domina o Ceu...
«Patria oh! santa Patria..:
Assim te adoro e quero
«Assim por ti meu preito humilde mas sincero.»

....

«Na sua voz havia uma harmonia dôce,
«Uma harmonia santa assim como se fosse
«A d'uma frauta amena; e no tão meigo olhar,
«Relia-se a expressão d'um intimo pezar:»

O sr. José de Arruella versifica com facilidade, sendo os seus versos espontaneos e harmoniosos.

Diccionario das Seis Linguas

Acha-se em distribuição a 10.ª serie do notavel diccionario linguistico que a *Empreza do Occidente* está editando e que constitue uma verdadeira novidade no genero, pela originalidade da sua contextura e pela extrema modicidade do seu preço.

O *Diccionario das Seis Linguas* forma um unico volume e abrange as seguintes linguas: francez, inglez, portuguez, allemão, italiano e hespanhol e divide-se em tres partes. A primeira trata das diversas pronunciações das seis linguas com relação a cada uma d'ellas. A segunda é o vocabulario geral, por assim dizer o corpo do diccionario. A terceira é o indice rigorosamente alphabetico de todas as palavras das seis linguas e seguidas da respectiva traducção na lingua que se tomou para base do texto geral. Tem-se assim a chave do diccionario; permittindo a busca rapida do termo de que se quizer conhecer a traducção ou a significação.

A serie em distribuição comprehende as folhas 62 a 66 do indice geral dos vocabulos das seis linguas. Cada folha de 16 paginas de composição cheia e impressão nitida custa apenas 40 réis.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á *Empreza do Occidente*, Largo do Poço Novo, Lisboa.

Portugal na Italia — *Collecção de 12 bilhetes postaes e illustrados do Ex.mo Sr. Antonio de Portugal de Faria — Typ. Giusti Leorne,* 1901.

Em apurada edicção publicou o sr. Raffaello Giusti, de Livorno (Italia) uma linda collecção de doze bilhetes postaes illustrados com varios retratos de altas personagens portuguezas dos que se encontram na celebre galeria dos «Uffizi» de Florença.

Esta collecção constitue um mimo encantador, revela o bom gosto e amor patrio de quem colleccionou tão interessantes documentos e assim os procura vulgarisar, que é o Ex.mo Sr. Antonio de Portugal de Faria, nome já bem conhecido por differentes publicações ácerca de Portugal e Italia.

A presente serie comprehende os seguintes preciosos retratos:

D. Magdalena de Oliveira;
Diniz de Mello ae Castro, illustre capitão e escriptor portuguez;
D. Sebastião, rei de Portugal;
D. João IV, duque de Bragança;
Marquez de Fronteira;
Conde de Alegrete;
Conde da Ericeira;
Marquez de Marialva (Conde de Cantanhede) Grande conselheiro de D. Affonso IV, rei de Portugal;
André de Albuquerque;
Marquez de Tavora;
Fr. Barreto — Restaurador de Pernambuco;
Cardeal D. Henrique, Rei de Portugal.

Os pedidos podem dirigir-se ao referido editor. A collecção completa custa apenas 300 réis.

Noticias e documentos para a historia de Damão, *antiga provincia do norte, por Antonio Francisco Moniz Junior — Com um prologo por J. A. Ismael Gracias—Typ. Rangel—Bastora*—1900

Para completar na actualidade a trilogia indo-portugueza faltava uma chronica de Damão, pois já aqui noticiámos opportunamente a publicação de um lucido *Resumo da historia de Gôa*, pelo rev. M. J. Gabriel de Saldanha (1898) e a do interessante livro *Diu, apontamentos para a sua historia e chorographia* pelo sr. Jeronymo Quadros (1899).

Reconhecendo essa falta, lidou por preenchel-a o sr. Moniz Junior, e da sua louvavel applicação resultou o grosso volume de trezentas paginas que temos presente.

No prologo em que o conceituado escriptor sr. J. A. Ismael Gracias apresenta o livro, lêem-se palavras de muito incitamento ao auctor, e as quaes tomamos a liberdade de reproduzir, visto a auctoridade de quem as escreveu:

«Li a monographia do sr. Moniz e só tenho a louvar-lhe a sua intelligente e desvelada applicação que tão bons fructos produziu, tanto mais que esteve desajudado dos auxilios que aos estudiosos facilitam as bibliothecas e os homens de letras. A variada documentação que exhibe prova o seu labor tenaz e diligente. E, na presente phase da historia, a documentação importa tudo.»

....«A sciencia tem já conquistado tudo, submettido tudo ao seu espirito, ás suas leis, á sua observação e á sua critica; nenhum rumo da actividade humana lhe passa despercebido. E a sciencia quer o documento, a prova, a evidencia, a verdade.

«Facil é, portanto, de apreciar quão valioso cabedal o auctor fornece para a historia da India Portugueza. E quem a estuda, quem a cultiva, lhe não regateará os applausos que merece por se ter abalançado a tão ardua tarefa, nem o reconhecimento de que se torna digno pelo proficuo serviço que acaba de prestar.»

São da mais inteira justiça as palavras acima.

Tendo explorado mais especialmente os documentos guardados pelo senado de Damão é o livro copioso em indicações interessantes relativas á administração municipal. Os usos e costumes das aldeias foreiras ao estado da cidade de Damão offerecem curioso estudo, e egualmente succede com as noticias da numismia damanense, que se encontram pacientemente colligidas.

Amenisando o livro compilou ainda o sr. Moniz umas amostras do dialecto damanense, canções diversas com a respectiva musica, que dão valioso subsidio para o conhecimento da musa popular d'aquella terra portugueza.

As *Noticias e documentos para a historia de Damão* encontram-se á venda na residencia do auctor em Damão; em Diu na do sr. dr. João Xavier de Andrade; em Pangim na do sr. dr. Rodolpho

VISITA DE SUAS MAGESTADES AOS AÇORES

ILHA DA MADEIRA — O RABAÇAL

Quadros; em Margão na do sr. dr. Braz Caetano Aristides da Costa, e em Mapuçá, no estabelecimento do sr. Gonobá Sinay Matmó, ao preço de 2 rupias.

Viaggio di Geronimo da Santo Stefano e di Geronimo Adorno *in India nel 1494-99 — por Prospero Peragallo. Presso la Società Geografica Italiana — Roma, 1901.*

No *Bolletino della Società Geografica Italiana*, fasciculo 1.º de 1901, publicou o sr. Prospero Peragallo uma interessante communicação ácerca da viagem feita por Jeronymo de Santo Estevão, negociante genovez, na India em 1494-99, e a qual consta de uma interessante carta do mesmo negociante, publicada em 1502 em Lisboa pelo erudito typographo Valentim Fernandes, no fim da sua edição do livro de Marco Polo.

N'esta carta, escripta de Tripoli de Soria em data de 1 de setembro de 1499, Jeronymo de Santo Estevão informava o seu amigo Mayer, ou Mainer, da viagem que, em companhia do compatriota Jeronymo Adorno, tinha feito pela India. Se o illustrado typographo não tivesse a boa idéa de inserir n'aquelle volume a curiosa epistola, estaria perdida irremediavelmente para a historia.

O escriptor Ramusi, na sua esplendida obra *Navigationi*, traduziu para italiano a carta do mercador genovez, conseguindo assim tornar bem conhecido tal documento. Não succede porém o mesmo ao texto portuguez, porque o volume de Valentim Fernandes se tornou extremamente raro em Portugal, conhecendo-se apenas dois exemplares, que se conservam um na Bibliotheca Publica de Lisboa e outro na de Evora.

Lembrou-se, pois, o sr. Prospero Peragallo — e por tal idéa lhe endereçamos caloroso applauso — de publicar parallelamente os dois textos, annotando-os e precedendo-os de uma pequena introducção, sendo inserto este seu trabalho no citado boletim da Sociedade Geographica Italiana, de que é digno socio correspondente. De tal publicação se imprimiram em separado alguns exemplares, dos quaes recebemos um, com amavel dedicatoria, que muito agradecemos.

Diversos relatorios.

Asylo da Ajuda — Relatorio da gerencia do anno economico de 1899-1900;

Associação de soccorros mutuos na inhabilidade — Relatorio, parecer do conselho fiscal e resenha retrospectiva da commissão de propaganda — Anno de 1900 — 20.º da sua existencia;

Monte-pio Geral — Relatorio e contas da gerencia da direcção no anno de 1900.

O Pelicano — Relatorio e contas da direcção e parecer do conselho fiscal na gerencia do anno de 1900.